



O PONTO

MAIO DE 2022

Nº 17

BRASIL O PAÍS DA DIVERSIDADE: CASO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Por: *Emilson N'Dame*

Os acervos literários nos mostram que o Brasil começou por se tornar palco da diversidade humana a partir de 1500, quando enfrentou a invasão dos portugueses que, em busca da exploração das riquezas das terras indígenas, começaram a desembarcar povos trazidos da África em condições dos escravizados para atuarem como mão de obra barata. Isto, por conseguinte, de lá pra cá, trajou o Brasil com uma riquíssima cultura, desde as características culturais, linguísticas, religiosas e outras.

NESTA EDIÇÃO:

#Brasil e a
#IntolerânciaReligiosa;
#BembéDoMercado;
#MuralSibiuni;
#ChinuaAchebe;
#NULIM



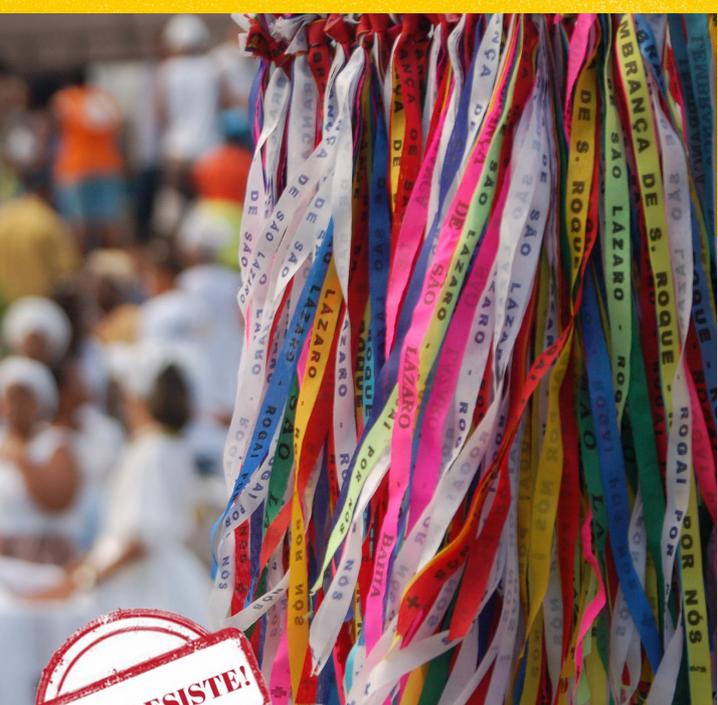
Porém, a história dessa riquíssima cultura que tem o Brasil possui uma realidade maniqueísta, a conta de que alguma parcela da sociedade continua a mostrar problemas em conviver com o outro. Em orgulho da mente fechada, pessoas dessa parcela colocam-se como donos de “boas práticas civilizatórias” porque falam a variedade normativa da língua, praticam a fé cristã e são homens (brancos) heterossexuais, para ficar melhor. Se opõem a ouvir sobre a diversidade cultural, a liberdade de práticas religiosas, bem como a mudança e a variação linguística. Nisso de se opor à pluralidade, vem o desrespeito, vem o preconceito, vem a discriminação com os valores do outro e, também, vem a intolerância religiosa.

Porém, a história dessa riquíssima cultura que tem o Brasil possui uma realidade maniqueísta, a conta de que alguma parcela da sociedade continua a mostrar problemas em conviver com o outro. Em orgulho da mente fechada, pessoas dessa parcela colocam-se como donos de “boas práticas civilizatórias” porque falam a variedade normativa da língua, praticam a fé cristã e são homens (brancos) heterossexuais, para ficar melhor. Se opõem a ouvir sobre a diversidade cultural, a liberdade de práticas religiosas, bem como a mudança e a variação linguística. Nisso de se opor à pluralidade, vem o desrespeito, vem o preconceito, vem a discriminação com os valores do outro e, também, vem a intolerância religiosa.



A intolerância religiosa consiste em debochar, desprezar, minorizar as crenças religiosas defendidas por pessoas que não comungam a mesma fé ou práticas religiosas que você defende. Constitui o desrespeito e, conseqüentemente, a violência - física ou psicológica - praticada contra as pessoas que praticam aquela crença. Nesse sentido, ofender uma pessoa em função de sua religião constitui ataque, tanto àquela crença quanto ao grupo que a pratica.

Por exemplo, a Carta Magna de 1988, no seu artigo 5º inciso VI, confirma a laicidade do Estado brasileiro, assegurando a liberdade de crença e proteção aos locais do culto. Mas uma notícia publicada no G1, em 2021, na data dedicada ao combate à intolerância religiosa, 21 de janeiro, atualizada na mesma data do ano em curso, dá conta de que as religiões da matriz africana - Candomblé e Umbanda - têm sido as que mais sofrem com essa discriminação. Isso demonstra uma ideia evidente de que tais religiões são alvos constantes de agressões e da intolerância religiosa porque representam a identidade e a cultura de povos africanos e afrodescendentes.



Ademais, como sempre, o racismo e o machismo estruturais, enquanto definidores do padrão social dominante, fazem com que pessoas pretas, sobretudo as mulheres, constituam as maiores vítimas dessas práticas discriminatórias. Os números apontam que, dos 586 casos das denúncias recebidas pelo Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos em 2021, 310 foram de ações de violência contra as mulheres.

Ah! Então não tenho direito de falar sobre o que penso das outras religiões?" Meu bem, você tem o direito de falar sobre tudo: de religião, de gays, gordos, negros e tudo mais. Pois, a nossa mente cria pontos de vista para tudo que enxergamos.

Mas há problemas nisso de falar sobre tudo. Olhando para o lado acadêmico, a "autorização" para falar de um determinado assunto baseia-se em ter leituras consistentes do próprio assunto, como procedimento para evitar uma fala em *FreeStyle*. Do lado social, o respeito ao outro equivale ao princípio fundamental quanto à boa convivência. Posto que, do respeito, desmorona a barreira edificada a partir do preconceito e desaparece o estranhamento com relação à cultura do outro. Ou seja, o choque cultural não é visto mais como um problema entre as particularidades dos grupos. Assim, com a consciência do relativismo cultural, ao falar do outro, as opiniões ditas passam a carregar discursos livre dos julgamentos preconceituosos e, como resultado, o diálogo é construído, permitindo a troca de ideias fluir sem discursos de ódio, sem censura ou ataques.



Para além disso, não se pode esquecer que a diversidade só é um problema para a limitada - e limitante - lógica colonial que inseriu na mentalidade das pessoas pensamentos discriminatórios que alimentam práticas de preconceito linguístico, racismo, machismo e intolerância religiosa. Não há cultura superior, povos mais desenvolvidos, línguas mais equipadas, religiões mais "salvadoras", ou quaisquer mitos dessas naturezas. E se queremos realmente pensar em uma sociedade democrática, temos o dever de abandonar definitivamente toda e qualquer forma de discriminação existente.

Enfim, o respeito com os valores do outro, além de proporcionar a boa convivência entre distintos grupos de uma determinada sociedade, permite uma socialização saudável em que ninguém precisa espelhar no outro para se sentir possuidor de melhor cultura.



MALÊS RESISTE!



POLITICAMENTE

letrando

UMA REFLEXÃO SOBRE O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Por: *Maria Isabel Santos*

A democracia racial é um termo que traduz uma suposta igualdade entre os cidadãos, independente da raça e etnia, em que todos, de forma igualitária, recebem o mesmo tratamento e abarcam dos mesmos direitos. Um conceito totalmente intencionado a mascarar o racismo no Brasil, uma mitologia que, não obstante as diversas mazelas que ocorrem com o negro nos pais, tentam suprimir as reais condições de abandono e violência da população negra, geralmente a que está em mais vulnerabilidade social.

A população negra no Brasil é maior que a população branca, representando 54% dos brasileiros e brasileiras. No entanto, ainda hoje, os negros brasileiros têm a maioria dos indicadores sociais inferiores aos percentuais referentes à raça branca. Como não citar a condição salarial, em que negros possuem salários, em média, 45% menores que dos trabalhadores brancos? Dentre outras desigualdades, vamos nos ater à violência aos jovens negros que, socialmente, são apagados de forma progressiva e cruel, até mesmo do seu direito de ir e vir, sem serem confundidos com bandidos ou criminosos.



A PM explica
o que é o
"ROLEZINHO"...



Os jovens negros no Brasil vivem em situação de vulnerabilidade, em condições socioeconômicas inferiores, o que facilmente os conduz aos caminhos da violência. Este fato ganha uma proporção crescente, na qual, em nome da lei, centenas de jovens negros são executados nos combates a tráfico de drogas e ao crime, com o discurso do governo de acabar com a marginalidade.

Segundo a UOL Notícias, em matéria publicada em 22 de outubro de 2021, "Um adolescente negro com idade entre 15 e 19 anos, morto por arma de fogo, é o perfil de vítima mais comum entre as 34.918 mortes violentas de crianças e jovens no Brasil nos últimos cinco anos."



De acordo com Lola Figueira e Igor Melo, autores da matéria, “Do total de mortes violentas nessa faixa etária, 80% das vítimas são pessoas negras.” Trata-se, de acordo com o texto, de um levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pela Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), com base em boletins de ocorrência registrados no Brasil entre 2016 e 2020. Essa é uma triste realidade que vivenciamos no cotidiano das nossas comunidades e, quando questionamos o porquê de tantas desgraças, ouvimos o discurso “foi o caminho que eles escolheram!”.

Mas voltemos a refletir... quais as alternativas lhes foram oferecidas? Será que esses jovens eram, de fato, bandidos? Quantas portas foram fechadas em suas vidas? Que democracia racial é esta que, em nome da lei, mata tantos inocentes?

São perguntas sem respostas – ou com diversas possibilidades de respostas – postuladas pelo racismo, pelo preconceito e pelas formas de discriminação. São vozes que se calam eternamente sem oportunidades, sem o direito de se defenderem, sendo sepultados com seus sonhos, carimbados por um sistema que dita quem deve viver, e quem deve morrer... onde viver e como viver! Eis a democracia racial, um mito de uma amarga realidade!





Referências:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/10/22/mortes-violentas-criancas-e-jovens-brasil.htm>

Acesso em 25/04/2022.

<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>

Acesso em 20/04/2022.

<https://www.youtube.com/watch?v=AohbnYNvpo>

Acesso em 24/04/2022





BEMBÉ DO MERCADO

Por: João Vitor Bispo Cerqueira
Ex-aluno de Letras da UNILAB-BA
Mestrando em estudos Literários -
(UEFS)

“Se amanhã fizer um tempo bom, eu digo a você pra onde é que eu vou, vou ali pertinho de São Salvador para Santo Amaro da Purificação.” - Maria Bethânia.

Não poderia começar de forma diferente... esse trecho é referência para quem vai à Santo Amaro..., cantei no dia 10 de maio para informar que iria passar a semana na minha cidade natal para os festejos do bembé.

Daí usei outra canção “Dia 13 de maio em Santo Amaro, na praça do mercado, os pretos celebravam, talvez ainda façam” - Caetano Veloso. Tudo isso para dizer que na semana do dia 11 a 15 de maio é o Bembé do Mercado, o maior candomblé de rua da Bahia... do Brasil... do Mundo!

No dia 13 de maio de 1889, os negros de Santo Amaro celebraram o fim da escravidão, trazendo para fora dos terreiros o culto aos orixás, em vez de realizar a festa dentro dos terreiros. Neste período, as filhas e filhos de santo fizeram suas danças, cantos e oferendas no Largo do Mercado, centro da cidade de Santo Amaro. Chegar no Bembé do Mercado de Santo Amaro é celebrar a abolição da escravatura, sentindo a vibração dos tambores sagrados que conectam o povo ao espaço e tempo dos orixás.



O Bembé do Mercado foi celebrado, segundo vozes populares, no primeiro ano da outorgação da lei da abolição da escravatura. A narrativa popular afirma que os responsáveis do primeiro Bembé foram os pescadores e o povo de santo, tendo com líder João de Obá. Nessa edição, o candomblé durou três dias e, no último, foi realizado a entrega do presente, a oferenda para Yemanjá.

A atitude de João de Obá relacionava-se também com o costume dos pescadores em ofertarem flores e perfumes para a Mãe D'água. Eles iam, de canoas e saveiros enfeitados, até São Bento das Lajes, levar presentes para as "águas". Este ritual era acompanhado por toques de atabaques. Chegando ao encontro entre o rio e o mar, um pescador experiente mergulhava para entregar as oferendas. (MACHADO, 2014, p. 42)

A primeira festa ocorreu na ponta do Xaréu e, só depois dos anos 30, que a festa se realizou no largo do Mercado municipal, espaço que tornou-se sagrado, pois todos os anos recebe os fundamentos sagrados. Por ser um local de grande fluxo, comércio e comunicação, o mercado para o povo de santo é lugar do orixá Exú, visto que este é o representante dos caminhos, da comunicação, do dinheiro e da prosperidade. Prandi (2001) aborda Exú da seguinte forma:

Para os antigos iorubás, os homens habitam a Terra, o Aiê, e os deuses orixás, o Orum. Mas muitos laços e obrigações ligam os dois mundos. Os homens alimentam continuamente os orixás, dividindo com eles sua comida e bebida, os vestem, adornam e cuidam de sua diversão.





Fotos: TVE BAHIA
@sergioisense do
IRDEB

MALÊS RESISTE!

Os orixás são parte da família, são os remotos fundadores das linhagens cujas origens se perdem no passado mítico. Em troca dessas oferendas, os orixás protegem, ajudam e dão identidade aos seus descendentes humanos (...). É essa a simples razão do sacrifício: alimentar a família toda (...). As oferendas dos homens aos orixás devem ser transportadas até o mundo dos deuses.

Exu tem este encargo, de transportador. Também é preciso saber se os orixás estão satisfeitos com a atenção a eles dispensada pelos seus descendentes, os seres humanos. Exu propicia essa comunicação, traz suas mensagens, é o mensageiro (...) Exu é o portador das orientações e ordens, é o porta-voz dos deuses e entre os deuses. Exu faz a ponte entre este mundo e mundo dos orixás, especialmente nas consultas oraculares (...), nada acontece sem o trabalho de intermediário do mensageiro e transportador Exu.

Nada se faz sem ele, nenhuma mudança, nem mesmo uma repetição. Sua presença está consignada até mesmo no primeiro ato da Criação: sem Exu, nada é possível. O poder de Exu, portanto, é incomensurável (PRANDI, 2001, p. 49).

O bembé, na verdade, é um conjunto de festas que ocorrem durante a semana toda. Contudo, na sexta-feira, ocorre uma pausa por ser o dia de Oxalá. O Primeiro dia é dedicado aos ancestrais e aos rituais do Xirê - a dança sagrada. O segundo dia é dedicado a Xangô, o dono da cumeeira, orixá responsável pelos raios, trovões e o fogo. Xangô era o orixá de João de Obá. O dia ofertado às Yabás é considerado o mais festivo, as oferendas são colocadas nos balaios adornados com enfeites e seus fundamentos.



O barracão do mercado nesse dia é enfeitado com talas de dendê (mariô), flores e tudo que as Yabás tem direito. O bembé, o candomblé de rua, deve ser compreendido em múltiplas esferas, como a espiritual, a histórica, a social e a política. A festa é um misto de religiosidade, resistência, ancestralidade e compartilhamento de dores e perdas.

Nas palavras de Ana Clara, iniciada há quase 9 anos no candomblé, o Bembé do Mercado pode ser definido da seguinte forma:

“O bembé do mercado é a celebração do povo preto sabe... para comemorar suas vitórias e agradecer toda a proteção ancestral que a gente recebeu e recebe para enfrentar as malezas da vida. No bembé a gente renova as forças, cria vínculos e se aproxima ainda mais do orixá. Tudo é feito com alegria e amor, dedicação. Não é simplesmente uma festa bonita para ser fotografada ou para turista se divertirem... é o momento sagrado que lembramos e agradecemos aos ancestrais que lutaram para chegarmos onde estamos hoje.”



Fotos: TVE BAHIA

@sergioisense do IRDEB



O Bembé, para Júlio Augusto, feirante de Santo Amaro significa um:

"[...] momento de alegria, de reencontrar amigos, celebrar a felicidade. Apesar de não fazer parte do candomblé, eu acho bonito as roupas coloridas, as contas e as músicas. A sonoridade dos tambores. Eu lembro que desde pequeno minha mãe me trazia para o mercado, porque ela vendia comida e bebida, eu ficava lerdo olhando as danças e as músicas. Os dois anos que foram fechados ao público, devido à pandemia, eu passei rápido pelo mercado só para ver o barracão... e tava tão lindo."

Nesse período, toda Santo Amaro vibra de alegria ao som dos tambores, a cidade respira o candomblé, as forças ancestrais se fazem presente e recebem todas as homenagens e oferendas.

O sagrado é louvado, o povo preto é reverenciado e suas forças são renovadas para enfrentar as dificuldades, a alegria de preencher todos os lados da cidade. "Tudo é chique demais, tudo é muito elegante, manda botar! Fina palha da costa, e que tudo se trance. Todos os búzios" - Caetano Veloso.

Referência:

MACHADO, Ana Rita de Araújo. Bembé do Largo do Mercado: Memórias do 13 de maio. Salvador. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (PÓS-AFRO) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2009;

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista USP. São Paulo, n. 50, p. 46-63, junho/agosto, 2001. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275>. Acesso em 03 mar. 2019.



PEGA
VISÃO



A FAMÍLIA DE QUEM?

Por: *Natali Chaves Mota*

Na educação eurocêntrica, a qual desde 1500 consumimos, a família - refiro-me aos parentes de sangue - tem ocupado espaços de importância em nossas vidas, muitas das vezes sem serem realmente importantes. Não podemos silenciar o fato de que muitas das violências que sofremos diariamente são perpetuadas por essa instituição sagrada e tradicional.

O caos, a intolerância, o preconceito, a agressividade e a incompreensão, volta e meia, nessa ligação parental ficam disfarçados (como na propaganda de margarina) em sorrisos largos e em conversas e ações autoritárias que questionam e debocham de uma certa desordem ordenada de suas vítimas.

Segundo o censo de 2010, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), grande parte das violências sofridas por mulheres brasileiras ocorrem no lar e são cometidas por parentes homens. Visto a hierarquia que existe no seio familiar, na qual alguns integrantes homens, mesmo os desrespeitosos, ocupam um poderio sob as demais. Devido ao machismo incutido dentro dessa instituição, que valida tal hierarquia, as mulheres são diariamente oprimidas e agredidas, quando não são mortas por pessoas do seu sangue sem que essa situação seja vista como absurda.



Igualmente, não podemos esquecer que os filhos, filhas e filhas, integrantes de famílias intolerantes e autoritárias, geralmente são silenciados e enquadrados em papéis que não favorecem suas personalidades. Apesar de serem, na maioria das vezes, tratados como importantes, essas crianças usufruem de quase nenhuma autonomia em suas ações e formas de pensar – o que os levam a imitar suas figuras de autoridade mais próximas ou sofrerem emocionalmente por não se enquadrarem no perfil esperado. Portanto, dentro desse quadro que aparenta ser coletivo, sempre é um desafio ouvir e respeitar as crianças. A expressão “criança não tem querer”, tanto dita nas periferias baianas, exprime a ocultação e o desrespeito para com as crias no processo de seu próprio amadurecimento.

É falso afirmar que existem famílias sem problemas, assim como acreditar na tradicional família da propaganda de creme dental. A intenção aqui é problematizar o olhar romântico que temos acerca dessa instituição. Certamente, há lares em que a diversidade é acolhida e que os parentes, mesmo os indiferentes, conseguem respeitar e ouvir a todos, inclusive aos mais novos. Mas também existem lares em que o caos e a violência reinam, e o convívio com os parentes resume-se a sofrimentos, atritos e riscos, como nos casos em que as mulheres são mortas pelos seus parentes, e adolescentes não héteros são expulsos de suas casas. Em suma, existem casos em que os parentes são uma pedra no sapato.





Referências:

IBGE - INSTITUTO DE BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país. Disponível em:

[https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?](https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia)

[busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia.](https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia)

Acessado em 05 de out. de 2021.



EU SOU POETA, NÃO LADRÃO!

Por: *Lucas Koka*

*Ei senhor! Senhor, calma
senhor!
Senhor, por favor, calma
senhor!
Não atira!
Eu não sou bandido!
Eu sou artista, poeta, cantor!
E a dona Maria ainda sente
dor
Toda vez que lava sem ser
usado meu cobertor
Foi com ele que ela me
enrolou depois que me
encontrou
No testemunho o fardado
disse que me desarmou
Não senhor! Eu ainda tô
armado até os dentes
Me tiraram a paciência, a
consciência
Sua bala me deu deficiência*

*Mas eu ainda sou a linha de
frente*

*"Olha ali! Aquele neguinho ali,
Disse que é cantor, ator, poeta,
MC"*

*"Ah, se ele pagar de pá bate
nele fi"*

*"Foi mal, não consegui
É que de Pepe e Neném ele virou
muito rápido Muhammad Ali"*

*E cuidado, chegado
O capital ele mente*

*Vem com as roupas mais caras
pra gente*

*Pra que todos nos vistamos iguais
E não sejamos diferentes*



*Gol do Brasil! Gol do brasil!
Cê num viu?
Cê não viu?
Duvidaram mas ele conseguiu
Gol do Brasil!
Coronel Ustra, com a camisa
13
Fez um gol de bicicleta
Enquanto sodomizava uma
mulher com um fuzil
Aí, vai pra pátria que pariu
E lá você para
Já que meu cabelo é bombril
Eu vou lavar essa vergonha na
sua cara
E penetrar na sua mente com
as minhas palavras
Até você gritar: Pára!
Já que várias delas gritavam e
não adiantava
Pá!
Pra iluminar vou tacar fogo na
sua bancada religiosa da
bala
Porque a minha metralhadora
tá carregada
Como eu já disse: de palavra
Vou vir tipo Dandara*

*Porque... zumbir seria me
corromper
Pára jáo!
Não confunde a resposta do
oprimido como opressão
O aviso é o toque de recolher
Se encolher dentro de casa
Mas se pá a revolução nem
será televisionada
Só pra você entender o poder
da quebrada
Pois é você quem se redime
Eu quero ver quando os menor
se conscientizar
Usar a peça pra revolucionar
Aí sim vai ser um crime
AK, KB2, .40, .50
Até a Casé entendeu como é
que o baile da favela do
direita esquenta!
Bravo!
Foi tão bom assim de
verdade?
Homem branco, rico e hétero
Bravo você vai ficar quando
eu pegar o seu lugar na
faculdade*





NOS OLHOS DO POETA

Por: *Marinalva Souza Oliveira*
Marina Sol

Uma folha
árvores
Flores!
Flores de várias cores !
amarelas, rosas, vermelhas,
alaranjadas! cores reais
e imaginadas!
O poeta vê a essência
das coisas
de tudo enxerga
o interior
tem nos seus olhos a leveza e
a beleza
do amor.
O poeta vive
mergulhado na sua poesia ,
a vida que quer
viver
E nem a morte
quando vem
leva embora o seu ser.

Agora presta atenção,
A partir de hoje eu perdi a linha!
Aqui ninguém mais vai voltar
Nem pra senzala, nem pro
armário e nem pra cozinha
O dia de hoje vai ser lembrado
como revolução
Aê deputado!
Faz um feriado denominado
'carapuça'
E avisa pra esse bando de
tiozão
Que quando meu povo entender
oque é união
Eles não passarão!





Mensagem da equipe de colaboradores do SIBIUNI

Prezada comunidade unilabiana,

Como sabem, dispomos de um canal de atendimento on-line através do WhatsApp Business para atender às necessidades de vocês de forma mais rápida. Acreditamos que, com nosso WhatsApp, ficou mais fácil e prático a comunicação.



Agora queremos aprimorar nosso canal objetivando interagir mais com vocês via Status. Então, o nosso status será usado para o compartilhamento de mídias (fotos, vídeos ou GIFs), editadas ou não, com textos sobre eventos na UNILAB, além de informações do Sibiuni.

Entretanto, as atualizações do WhatsApp do Sibiuni só serão visíveis para os contatos salvos na agenda do nosso dispositivo e se vocês tiverem nosso contato salvo. Para que essa rede de divulgação de eventos técnicos científicos da UNILAB seja possível, precisamos da sua gentil ajuda!

Pedimos, por gentileza, que você salve nosso contato <http://Wa.me/5585997345429> em seu dispositivo. Assim, você será notificado, via nosso status, sobre alguns eventos da UNILAB que poderão ser do seu interesse.

Contamos com seu engajamento!

Equipe SIBIUNI



Resenha...
Resenha...
Resenha...



CHINUA ACHEBE: UM OLHAR CRÍTICO AO COLONIALISMO, EM “O MUNDO SE DESPEDAÇA”

Por: *Jandira Francisco Domingos*

6º semestre de Letras

Albert Chinualumogu Achebe ou simplesmente Chinua Achebe, o pai da literatura moderna nigeriana, é um romancista, poeta, crítico literário que nasceu na Nigéria, em Ogidi, no dia 16 de novembro de 1930 e faleceu em Boston, em 2013. Chinua é um dos autores mais conhecidos e respeitados da literatura africana. Autor de diversas obras como “*A paz dura pouco*”, publicada em 1960, “*A flecha de Deus*” (1964), “*Um Homem Popular*” (1966), dentre outras.

É importante salientar que, por intermédio de suas produções literárias, Chinua Achebe foi contemplado com o prêmio Internacional Man Booker, em 2007, nos Estados Unidos da América.

Assim, a sua obra mais conhecida é o romance “*O mundo se despedaça*”, publicada em 1958. O romance descreve a vivência de Okowkwo e da sua tribo Ibo, que é pautada no trabalho agrícola, principalmente pelo cultivo de inhame. A narrativa retrata uma sociedade pré-colonial, dirigida por anciãos, que eram figuras de autoridades que estavam sob orientações de seus ancestrais. Isto é, a narrativa traça um panorama de uma sociedade nigeriana pré-colonial e, posteriormente, aborda sobre os conflitos coloniais entre o estado Britânico e a tribo Ibo.



Nesse sentido, é importante salientar que, de acordo com a narrativa, a educação pré-colonial da tribo Ibo era baseada em suas culturas e nos seus costumes. Logo, a transmissão de valores culturais, morais e cívicos eram feitos através da literatura oral, na qual os provérbios eram as ferramentas mais usadas na transmissão e manutenção do valor cultural desse clã. Faziam parte disso provérbios como:

“Se uma criança lavasse as mãos, poderia comer com os reis”;

“Pode-se descobrir que uma espiga de milho está madura só pelo aspecto”;

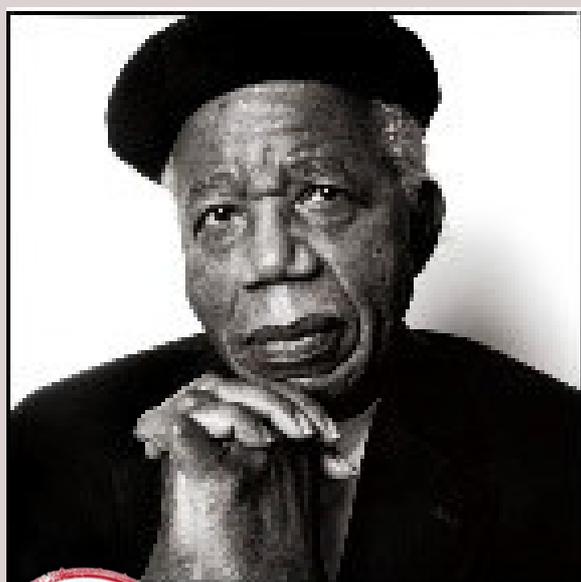


Foto:

<https://livrada.files.wordpress.com>

/2010/08/chinua-achebe.jpg

“Um homem que presta homenagem aos grandes pavimenta o caminho de sua própria grandeza”. (ACHEBE, 2009, p. 28; 39; 42)

Dentro do contexto da educação pautada na oralidade africana, Diop (2014) reitera que, na antiga África negra, os valores culturais eram transmitidos através de fábulas, provérbios, contos, mitos e outros gêneros literários e a difusão desses valores era feita por via oral. Na mesma linha de pensamento, Hampâté Bâ (2013), em sua obra literária “Amkoullel, o menino fula”, traz a figura do ancião africano como um indivíduo carregado de diversos conhecimentos, em especial os tradicionais. Isso quer dizer que, de acordo com o autor, os anciãos africanos eram caracterizados pelos conhecimentos profundos sobre religião, histórias, ciências naturais ou humanas e tudo isso fazia parte da oralidade africana.



O romance “O mundo se despedaça”, após retratar sobre as riquezas culturais da etnia Ibo, narra a chegada do homem branco na aldeia Ibo e o seu primeiro contato com esta aldeia. De acordo com o romance, a chegada do homem branco na aldeia era, explicitamente, por motivos de exploração da aldeia e da desintegração do elemento cultural que caracteriza aquela aldeia. O romance relata que os anciãos do clã Ibo consultaram os seus ancestrais e o oráculo, e estes pronunciaram que a presença do homem branco na aldeia Ibo arruinaria o clã e causaria destruição no meio deles. Assim sendo, a previsão se cumpriu, pois, o homem branco estabeleceu na aldeia Ibo o seu governo, trazendo novas culturas e uma nova crença. Portanto, esses foram os motivos da fragmentação de alguns clãs da aldeia.

- Durante a última estação de plantio, um homem branco apareceu na deles.

- Um albino - sugeriu Okonkwo.

- Não, não era um albino. Era um homem completamente diferente. [...]

[...]. Os anciãos consultaram o Oráculo e este declarou que aquele homem estranho causaria a ruína do clã e espalharia a destruição entre eles. [...] - Por isso eles mataram o homem branco e penduraram seu cavalo de ferro na árvore sagrada, pois parecia pretender fugir a qualquer instante, para ir chamar os amigos do tal homem. [...]. (ACHABE, 2009, p. 158-159)

Portanto, Chinua Achebe, em seu romance “O mundo se Despedaça”, aborda e caracteriza a colonização, ou a chegada do homem branco, no grupo étnico cultural Ibo, como práticas que desintegraram violentamente os clãs dessas aldeias.



Essa desintegração foi feita com a imposição de novas culturas, línguas, crenças e hábitos, que afastavam os clãs de seus valores culturais autóctones. Mas é importante reiterar que houve lutas e resistências justamente para impedir que essas novas culturas se sobrepõem às culturas do clã Ibo.

[...] Certa manhã, três homens brancos, guiados por um grupo de homens comuns, como nós, chegou à tribo. [...]. Os três homens brancos e um grande número de outros homens cercaram o mercado. Certamente devem ter empregado um feitiço muito poderoso, que os tornou invisíveis até o mercado ficar cheio de gente. Nesse momento, começaram a atirar. Todos morreram, exceto os velhos e os doentes, que tinham ficado em casa, e mais um punhado de homens e mulheres cujos chis estavam bem acordados e os fizeram sair do mercado, [...].

Todos nós temos ouvido histórias sobre homens brancos que fazem espingardas poderosas e bebidas fortes, e que levam escravos para longe, através dos mares; mas nunca nenhum de nós pensou que fossem histórias verdadeiras. (ACHEBE, 2009, p. 160-161)

Assim como é retratado no romance, o colonialismo na Nigéria ocorreu de forma muito agressiva, porque houve muita resistência, de alguns grupos étnicos. A dominação colonial Britânica sobre a Nigéria ocorreu nos séculos XIX e XX e durou até os anos de 1960, com a proclamação da independência. Portanto, na perspectiva do romance, o colonialismo foi uma arma utilizada pelo homem branco precisamente para dominação massiva dos clãs, afastando-os de suas culturas e costumes que eram elementos que lhes identificava. E essa dominação e exploração deixaram marcas que estão presentes nas sociedades colonizadas.



Referências:

ACHEBE, Chinua. O mundo se despedaça. São Paulo: Companhia de Letras, 2009.

BÂ, Amadou Hampâté. Amkoullel, o menino fula. São Paulo: Palas Athenas, 2013.

DIOP, Cheikh Anta. A unidade cultura da África. Esferas do patriarcado na antiguidade clássica. Luanda: ed. Mulemba da faculdade de Ciências sócias da Universidade Agostinho Neto, 2014.

A CULTURA HIP-HOP EM ANGOLA

Por: *Leitão António Eduardo*

Estudante do 2º semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades



MALÊS RESISTE!

O hip-hop é um movimento cultural que surgiu nos Estados Unidos, nos anos de 1970, que mudou o mundo com a sua forma revolucionária. O hip-hop era inicialmente praticado pelos Afro-Americanos e pelos Latino-Americanos no bairro do Bronx, em Nova York, onde a população maioritária era negra. Eles usavam o hip-hop como forma de protesto contra a desigualdade social, violência e o racismo. O hip-hop é composto por quatro pilares que são: o rap, o djing (dj), o break (dança) e o grafite.

Com a internacionalização da cultura hip-hop, Angola foi um dos países que aderiu ao movimento rapidamente, tendo Adelino Caracol como um dos nomes citados como pioneiro da cultura hip-hop em Angola. Em 1988 e 1989, Adelino Caracol realizava eventos para os jovens demonstrarem suas habilidades em diferentes expressões artísticas.

Os primeiros eventos eram realizados no anfiteatro das escolas Ingarana Mbandi, Ngola kiluanji, Kanini e Mutu ya kevela, onde participavam diferentes gangues. Dos quatro pilares do hip-hop, aquele que mais se destacou em Angola foi o rap, que é um estilo musical em que os artistas transmitem mensagens geralmente de intervenção e de crítica social. Os músicos mais relevantes do rap há 10 anos são: Luaty Beirão, MCK, Brigadeiro 10 pacotes e a khris MC. Atualmente, o grupo Força Suprema é conhecido como o melhor grupo de rap em Angola e alguns sites alegam serem o melhor da lusofonia, este grupo é composto por NGA, Masta, Don G e Prodígio.



MALÊS RESISTE!

O hip-hop é um movimento marginalizado por muitos em Angola, pois infelizmente ainda existe muito preconceito que entende essa manifestação cultural como algo feito por pessoas drogadas e que não transmite qualquer mensagem. Mas, nos últimos 20 anos, a cultura hip-hop contribuiu significativamente, tanto na educação como na política. O rap em si é um estilo muito popular em Angola, além do Kuduro, com o qual muitos jovens acreditam que a cultura hip-hop muda ou pode mudar suas vidas, apesar das dificuldades que os amantes e fazedores da arte passam por falta de apoio da parte do Ministério da Cultura. Luanda é vista como o berço do hip-hop, porque é onde está concentrada a maior parte dos amantes e fazedores desse estilo.

O break (dança) é um dos pilares do hip-hop praticado por homens e mulheres. Também é uma forma de manifestar e protestar, mas, em Angola, não é muito praticado comparando com o rap. Isso acontece por falta de oportunidades aos praticantes e ainda tem o preconceito de que o break é uma preferência das lésbicas.

A cultura hip-hop em Angola evoluiu nos últimos 20 anos graças a pessoas que sempre acreditaram que era uma das melhores formas de protestar ou manifestar. O Ministério da Cultura deveria investir mais no movimento, já que tem ajudado bastante no desenvolvimento do país por conta dos shows solidários que muitos amantes e fazedores têm realizado no país.





INFORMAÇÕES DO NULIM

O Nosso Núcleo de Línguas e Linguagens do Campus dos Malês - NULIM - está com mais ofertas de atividades para os próximos meses, sempre pensando em incrementar sua formação acadêmica, profissional e pessoal.

Em parceria com o Jornal O Ponto, o NULIM vai ofertar uma oficina de escrita jornalística numa perspectiva decolonial. A facilitadora será a Prof^a Verônica Lima (UFF), que já escreveu matéria aqui para nós, e que, com certeza, vai trazer muitos conhecimentos e ideias para quem quer se aprimorar nesta prática de escrita.

“Literatura, Periferia e Gênero” é o nome do curso que será ministrado por três mulheres que escrevem, estudam e vivem a literatura de periferia feminina. As professoras Eliane Gonçalves (UNILAB), Ianá Souza (USP) e a escritora Jenyffer Nascimento trarão suas vivências literárias e suas andanças pelos textos periféricos em momentos de aprendizagem e experimentação que, certamente, serão únicos!

Além dessas lindezas... O NULIM está organizando cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE), o Curso de Leitura Acadêmica em Língua Inglesa, a Oficina do Aplicativo Canva e muitas outras novidades que vamos contando por aqui!

Quer saber mais? Escreva para nulim@unilab.edu.br e siga o NULIM no Instagram em [@nulim_unilab_ba](https://www.instagram.com/nulim_unilab_ba)



PALAVRAS DA COORDENAÇÃO

Por: *Wânia e Lavínia*

Prezadxs estudantes,

A nossa V Semana de Letras vem aí! Nesta edição, vamos celebrar a diversidade linguística e literária do nosso curso e do nosso Campus.

Da mesma forma da edição anterior, nesta Semana de Letras teremos o protagonismo estudantil como foco mais uma vez. A nossa Comissão Organizadora conta com um maior número de estudantes este ano e dará a cara, mais uma vez, para o nosso evento.

Convidamos e incentivamos a todas, todos e todes a participarem, divulgarem e ajudar a construir o nosso evento. Da mesma forma que o tema foi escolhido por meio da sugestão de vocês, queremos saber quais temas, minicursos e oficinas gostariam de ver no nosso evento.

Convidamos e incentivamos a todas, todos e todes a participarem, divulgarem e ajudar a construir o nosso evento. Da mesma forma que o tema foi escolhido por meio da sugestão de vocês, queremos saber quais temas, minicursos e oficinas gostariam de ver no nosso evento.

A Coordenação de Curso e a Representação Discente estão disponíveis para ouvir a opinião de vocês.

Teremos este ano também, o nosso Primeiro Concurso Literário, cuja premiação se dará na Semana de Letras e os melhores textos serão publicados na Revista *Njinga & Sepé*. Será uma oportunidade para conhecermos os trabalhos de vocês e divulgá-los! Em breve divulgaremos as datas de inscrições. Incentivamos tod@s a participarem!

Sigam as páginas da Semana de Letras nas redes sociais. Instagram (@semanaletrasmales) e Facebook (Semana de Letras).



O QUE SÃO POLÍTICAS AFIRMATIVAS E QUAL O IMPACTO NEGATIVO QUE A FALTA DELAS TRAZ À UNIVERSIDADE?

Por: *Mirian Brito*

As políticas afirmativas consistem em um conjunto de medidas especiais voltadas a grupos discriminados e vitimados pela exclusão social ocorrida no passado ou atualmente. Precisam ser organizadas para que haja condições de uma maior participação destes grupos discriminados na educação, na saúde, no emprego, na aquisição de bens materiais, em redes de proteção social e de reconhecimento cultural.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB), que tem sua sede no Ceará e um campus fora da sede, na Bahia (Campus dos Malês) é uma universidade que integra a comunidade nacional e a comunidade internacional. Dentre os/as estudantes que vêm para a UNILAB, a grande maioria é negra e em situação de vulnerabilidade social. Com isso, é necessária a organização de políticas afirmativas que possam abranger esse público, olhando a situação social e econômica de cada indivíduo.

O Programa de Assistência Estudantil (PAES) é uma forma de viabilizar ações afirmativas que têm como objetivo oferecer um auxílio através de recursos financeiros aos estudantes nacionais e internacionais da UNILAB para que possam concluir o curso de forma digna.



Essas políticas afirmativas, infelizmente, têm sido insuficientes porque muitos/as estudantes não têm sido contemplados com os auxílios e, quando são contemplados, por vezes durante a renovação do edital do PAES, esses/as estudantes são cortados do programa. É o caso que ocorreu em abril de 2022, em que alguns/mas estudantes, que renovaram os pedidos de auxílio no edital do PAES, simplesmente não tiveram em suas contas o valor referente aos seus auxílios, como também não tiveram nenhuma resposta referente ao problema.

Um outro problema existente acontece em relação ao programa de acompanhamento acolhimento, o qual, todo semestre, disponibiliza um edital para acolhimento de estudantes internacionais ingressantes na UNILAB. Os/As estudantes ingressantes ficam cerca de três meses residindo com o/a estudante acolhedor até se adaptarem à realidade do Brasil e terem seu auxílio aprovado no PAES. O programa de acolhimento tem se atuado de forma negativa para os estudantes da UNILAB, causando brigas entre acolhedores e acolhidos, como também afetando a qualidade da alimentação dos mesmos. Esses problemas ocorrem pela má organização da UNILAB e a falta de respeito com os estudantes acolhidos e acolhedores.



Foto: unilab.edu.br



O valor destinado ao acolhimento são 600 reais divididos por três meses (200 reais por mês) que é destinado pra suprir gastos com as contas de casa (como água, luz e gás) sendo que o acolhido também se alimenta, nos finais de semana, na residência do estudante acolhedor. Num país em que os índices de inflação estão cada vez mais elevados, esse auxílio torna o acolhimento inviável para muitos estudantes.



No que diz à alimentação estudantil, no campus do Ceará, o Restaurante Universitário estava funcionando desde abril, já aqui na Bahia o RU só veio a funcionar em 23 de maio. No período sem o restaurante universitário do campus dos males, estava sendo mantido 220 reais para alimentação dos acolhidos, mas, no mês de abril que deveria ter caído nas contas o valor referente ao acolhimento e a alimentação, isso não ocorreu, tanto na Bahia como no Ceará. No dia 20 de abril de 2022, os estudantes do Campus dos Malês, revoltados com a situação, fizeram uma reunião com a Seção de Relações Institucionais (SERINST), setor que atua no Campus responsável por essas questões. Entretanto, os/as estudantes não obtiveram resposta sobre quando os valores referentes ao acolhimento e à alimentação seriam depositados.



Houve, então, nova reunião estudantil no Campus para discutir como a categoria se mobilizaria em relação a essa situação. Ficou decidido que seria, imediatamente, enviado um e-mail de cada estudante envolvido para os setores competentes e para as instâncias superiores reclamando a questão. Foram 120 estudantes no total, contando acolhidos e acolhedores, mandando e-mail com um único texto em forma de revolta contra toda aquela situação. Segue o texto abaixo escrito por um dos acolhedores do Campus dos Malês e que depois foi enviado a todos para enviarem às instâncias superiores.



“Saudações senhores e senhoras

Escrevo no limite de nossa paciência e início do fim da nossa boa vontade. Dizer que no passado mês de março os senhores/as apelaram ao nosso bom senso para acolher, hoje depois de acolher estudantes, os senhores nos fazem passar fome. Diz-se por ali que a fome causa contradição entre o moral e o imoral, precisamos comer e para isso precisamos receber, precisamos ser pagos para que possamos continuar ajudando quem, ao vosso pedido, nós nos disponibilizamos em ajudar. Nós não precisaríamos estar a implorar o pagamento, não devia ser assim, mas como vocês são as pessoas que têm o poder de pagar, precisamos de celeridade no processo. Pois nossa mágica já não será suficiente para continuar nos alimentando e nem alimentando os acolhidos.



Precisamos de datas exatas para efetivação do pagamento. Estamos à disposição para qualquer posicionamento que favoreça a resolução desta situação.

Nota. Faremos ocupação a partir de segunda-feira se não tivermos nada concreto até lá.

Obrigado

Atentamente”

No dia seguinte a essa manifestação coletiva, o valor referente ao acolhimento foi rapidamente depositado na conta dos acolhedores e no CPF dos acolhidos. Cabe então à UNILAB manter o compromisso que faz com seus estudantes através das políticas afirmativas, e que as mesmas venham abranger a todos os estudantes conforme a sua situação socioeconômica.





O Ponto



Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais

